

Receptividade e resistência da matéria

Eraci Gonçalves de Oliveira

Resumo: Buscamos pensar a receptividade e a resistência da matéria nos situando no segundo nível de um relato teleológico, o das realizações materiais contingentes dos estados funcionais. Tomamos como recurso metodológico o exame fenomenológico da performance de um bebê que conquista a sua capacidade autolocomotora, aplicando no exame o conceito aristotélico de *motor imóvel*.

Palavras-chave: Aristóteles; *forma*; *matéria*; *motor imóvel*; exame fenomenológico.

Abstract: We try to think the receptivity and resistance of matter standing in the second level of a teleological account, the contingents material achievements of functional states. We take as a methodological resource a phenomenological exam of a baby's performance, who gets his locomotor capacity; we apply on the exam the Aristotelian concept of *unmoved mover*.

Keywords: Aristotle; *form*; *matter*; *unmoved mover*; phenomenological exam.

O estudo do movimento em Aristóteles nos exigiu um aprofundamento acerca das funções da forma e da matéria no composto. Generalizadamente o hilemorfismo e o teleologismo expõem o alcance da concepção aristotélica de realidade imanente, na qual um vivente se realiza por si mesmo; em relação à matéria, seu modo inerentemente relacional contribui para que o que é determinado varie em si mesmo sem se desubstancializar; já a forma, reporta-se a uma instância que se sobrepõe às mudanças do devir, função que depende intrinsecamente que a matéria, como substrato, possa sediar as mudanças necessárias que a atualização constante da forma requer. Atuando como substrato ao mesmo tempo receptivo e resistente, a matéria acaba por salvaguardar a atualidade do ser.

Junto ao o hilemorfismo, a associação da forma com a causa final fundamentam a compreensão que o ente vivente se realiza por si mesmo. A matéria sendo dita como que tendendo para forma, desejando a forma, se move norteadada por ela assim como se estivesse atraída, e esse *tender para* é o movimento através do qual se configura o ente vivente. Portanto, o exercício da força de entificação de um vivente é o seu movimento no cumprimento de si mesmo; em outros termos pode-se dizer que o trabalho de uma vida é a conquista do que se é, explicitado teoricamente pelo caráter teleológico da concepção aristotélica e a estreita conexão entre forma e matéria.

Segundo Nussbaum¹, um relato teleológico descreve em primeiro nível quais são as atividades constitutivas que chegam a melhor especificação do que é certo tipo de animal, e num segundo nível como as atividades constitutivas vingam em um determinado ser vivo, pelas interações materiais particulares que usualmente efetivam este processo na sua espécie. Do ponto de vista da matéria, ou seja, a partir do seu modo eminentemente relacional, ao mesmo tempo receptivo e resistente, a relação teleológica que a liga à forma se cumpre no primeiro nível, o formal, em termos de leis estruturais em larga escala, mas além desta afirmação no caso dos seres vivos se deve clarificar, no segundo nível, o modo adequado de um determinado funcionamento, e isto necessariamente envolve a matéria. Resumidamente o primeiro é o nível formal, e o segundo nível é o das realizações materiais contingentes dos estados funcionais. Mas, no primeiro nível não se menciona a matéria, exceto para dizer que certa função necessariamente se realiza em algum tipo de matéria adequada.

Conforme a compreensão aristotélica a forma é o princípio que rege o modo geral da uma organização funcional, e que especifica o que é ser certo vivente desde a geração; assim, a forma está para um conjunto diverso de capacidades reunidas segundo um critério que consagra uma unidade. Como força de realização de um caráter, a forma confere unidade e identidade, constitui e explica melhor como esse ser vivo vem a ser através de um processo *específico*. Tal processo pressupõe certo arranjo, ou organização, como um fio que vivifica enquanto atravessa e vai compondo, engendrando, articulando

¹ Nussbaum, 1978, p. 59.

partes² que não teriam sentido algum isoladas. Mas como se dá essa composição?

Em as *Partes dos Animais*, Aristóteles aponta para três tipos de composição: a primeira que combina os elementos e dá aos corpos certas propriedades; a segunda que forma as partes homogêneas; e a terceira que forma as partes heterogêneas.

Uma vez que são de três tipos as composições, pode, em primeiro lugar, considerar-se aquela que combina o que se chama os elementos, ou seja, a terra, o ar, a água e o fogo. Talvez seja até melhor falar de «qualidades fundamentais», nem sequer de todas, segundo um critério que já antes utilizamos. De facto, o líquido, o sólido, o quente e o frio são a matéria dos corpos compostos. As restantes diferenças derivam destas, caso do peso, da leveza, da densidade, da rarefacção, da rugosidade, da macieza, e de outras propriedades semelhantes que os corpos apresentam. A segunda combinação destes elementos primários é a que produz, nos animais, as partes homogêneas, como o osso, a carne e outras. A terceira e última, nesta série, é a que constitui as partes não homogêneas, como o rosto, a mão e outras equivalentes.” (Aristóteles, *Partes dos Animais*, 646a 12-24. Tradução M^a de Fátima Souza e Silva.)

Mas, segundo o hilemorfismo, qualquer processo de combinação atende determinadas necessidades no curso de uma

²Adotamos o sentido abrangente do termo *partes*, como em as *Partes dos Animais*, traduzido e introduzido por Silva, M.F.S. Casa da Moeda, Lisboa, 2010, p. 11: “Em *Partes dos Animais*, Aristóteles dá prioridade à investigação sobre as diversas causas que condicionam a forma ou configuração dos animais, tendo em vista uma funcionalidade. Trata-se, portanto, como afirma A.L. Peck, de um tratado predominantemente fisiológico e teleológico, na avaliação que faz das partes com vista ao cumprimento de um objetivo. O próprio Estagirita é claro sobre o seu propósito (646a 7 e segs.): “Quais e quantas são as partes que, no seu conjunto, constituem cada tipo de animal é matéria ampla tratada na História dos Animais. Importa agora avaliar as causas que lhe dão um carácter próprio, retomando, uma a uma, as partes já descritas nas Histórias.” A ‘partes’ é dado um sentido abrangente, que inclui tecidos, órgãos, membros e, de modo geral, os elementos constitutivos de todos os grupos de animais.”

entificação, ou seja, as composições já se dão em função da forma. Este tipo de concepção requer um contraponto indeterminado, que pela forma, se submeta a um longo processo de definição, em termos qualitativos e quantitativos.

Em uma passagem anterior, servindo-se da analogia com a *techné*, ele fala da matéria:

Para se obter uma casa ou qualquer outra finalidade é preciso dispor de um determinado material. Tem de produzir-se primeiro uma matéria determinada, que depois sofre uma mudança, a que se segue outra e assim sucessivamente, até se cumprir a finalidade, o mesmo é dizer, aquilo para que cada coisa se produz e existe. Outro tanto se passa com os fenômenos naturais. (Aristóteles, *Partes dos Animais*, 639b 27. Tradução M^a de Fátima Souza e Silva.)

Segundo a compreensão aristotélica, é no efetuar-se como isto ou como aquilo que a matéria tem o seu ser. Enquanto receptível à forma, a matéria é aquilo sobre o qual se dá certo efeito, e este efeito é totalmente relativo à forma e no interior dos seus limites. Carente de determinação a matéria só é na medida em que certa atualização da forma se dá, uma vez dada, ou seja, uma vez que um ente vivo vem à luz, ele tende a permanecer enquanto cumpre o processo que vai da geração à corrupção, processo que requer atualizações seguidas dentro da configuração específica da forma.

Grande parte das mudanças a que está sujeito um ser vivo são visíveis demais e nos mostram claramente a matéria já conformada, quer seja na expressão do olhar, ou na posição espacial, ou na ação correspondente a cada situação no tempo e no espaço. Porém, como desafio à perspectiva metafísica, cada mudança pode ser decupada em mudanças menores ainda, o que leva a possibilidade de pensar a matéria como princípio de indeterminação; ao nos transportarmos às passagens ínfimas entre as mudanças, a matéria é apenas o limite sem densidade e sem consistência entre uma atualização e outra.

Tanto nas mudanças mais alarmantes quanto nas mais recôndidas se faz necessário manter uma tensão entre as forças estruturantes, o que depende intrinsecamente que a matéria, como

substrato, *possa receber* a forma, possa sediar as mudanças necessárias que a sua atualização constante requer. O que equivale a dizer que sustentar a forma exige também da parte da matéria certa contrariedade, por isso, ela contribui tanto com a sua disponibilidade quanto com a sua resistência, que é como *não se deixar determinar totalmente*, empreender a força contra. A resistência cria uma tensão essencial para a forma, que entendemos como um *estado de tensão que mantém a forma no seu acabamento*. Não é apenas se deixando plasmar pela forma que a matéria pode pertencer à estrutura de acometimento de um ente, se assim fosse o ser seria uma coisa frouxa, solta, e soltura demais não é estruturante, assim como resistência demais também não é. A tensão é um ceder e resistir juntamente. Esta dinâmica se dá como sustentação, como equilíbrio, ambos os termos se remetem ao caráter dinâmico da forma, e do ato também. Mas como podemos explicitar de maneira mais clara esta dinâmica?

Esta tensão estruturante também se faz presente quando se pensa em termos de ato e potência, por exemplo: o homem é potencialmente capaz de se autolocomover, ou seja, capaz de mudar de um lugar para outro no espaço por si mesmo, mas ele pode ou não efetivar esta potência plenamente, ou seja, sua capacidade autolocomotora pode ou não encarnar; se encarna, este homem goza o uso pleno de seu aparato locomotor, se não encarna e não pode andar, ele recorre ao uso aparelhos que cumprem a função motora, como no caso dos cadeirantes ou dos portadores de próteses dos membros inferiores. Nem o fato de efetivar plenamente o torna mais homem, nem o fato de não efetivar o torna menos, ele continua sendo homem independente de se locomover por si mesmo ou recorrendo a algum auxílio instrumental. É enquanto pode se locomover que o homem vem a andar, ou não vem a andar, ou seja, enquanto é capaz disso. Essa sua capacidade desponta num horizonte que se estende para além da determinação de ser movente, assim, não gozar do uso pleno do aparato locomotor não encobre necessariamente aquilo que é ser homem.

Dito de outra maneira: esse homem, embora podendo andar, baseado naquilo que o faz ser homem, não o deixa de ser se não vier a andar exclusivamente por suas próprias pernas. ‘Baseado’ aí diz: na forma humana enquanto espécie, naquilo que o constitui e o define um membro da espécie humana. Mas, sob o abrigo desta definição geral lhe ocorre efetivar ou não certas potencialidades, e este

efetivar ou não também lhe é atribuído baseado na forma, o que mostra que, o grau de envergadura desta noção abarca desde o geral, até as realizações em particular.

Conquanto se diga que a forma é separada e subsistente por si própria, irreduzível, não gerada e não corrompida, fixa, na sua fixidez ela abriga todas as caracterizações e particularizações possíveis ao ente. O papel da matéria é entendido como auxiliar, porque ela está para a forma e para a privação como um meio e, indiferentemente pode servir a ambas. Nos termos do trecho da *Física*:

...a natureza que subsiste é causa auxiliar, junto à forma, daquilo que vem a ser (como mãe) e, por outro lado, com respeito a outra parte da contrariedade, muitas vezes é plausível que, para quem concentra o pensamento no seu valor maleficiente, nem sequer se afigure que ela exista. De fato, havendo algo divino, bom e desejável, afirmamos que um dos princípios lhe é contrário e que o outro é aquilo que, em sua própria natureza, o deseja e a ele aspira. No entanto, sucedelhes afirmar que o contrário deseja a sua própria corrupção. Mas não é possível nem que a forma deseje a si mesma – por não ser carente –, nem que o contrário a deseje (pois os contrários corrompem uns aos outros), mas o que deseja a forma é a matéria, como fêmea a desejar o macho ou o feio a desejar o belo (não o feio em si mesmo, mas como concomitante, nem a fêmea em si mesma, mas como concomitante), (Aristóteles, *Física I*, 192a 12-24. Trad. Angioni)

Fica explicitado pela analogia que, o papel da matéria não é de contrariedade quanto à forma, pois, caso fosse, ela concorreria somente para a sua privação; antes, ela responde, ao seu modo, pela efetivação, que pode ser ou uma ou outra, portanto, sempre de uma maneira positiva. E, nem no caso da efetivação do contrário ela é negativa, pois, até aí ela está como subsistente, ou seja, ela pode suportar ambos os contrários. A privação é plenamente compatível com o estado de tensão que sustenta a forma em seu acabamento, não representando para ela nada que possa ser entendido, ou confundido com a corrupção, que é o contrário da geração, e que atinge o âmbito

particularizado que é o do ente enquanto vivente individual. Pode parecer contraditório já que, acima, nos referimos ao grau de envergadura da noção de forma, que abarca desde o geral até todas as realizações em particular. Mas não é contraditório, é afirmativo: *só onde o geral e o particular coincidem é que se pode falar da forma*, e esse lugar invariavelmente é individualizado, que é o que na verdade é ser para uma coisa, mas, dada a perspectiva teleológica do pensamento aristotélico, este *ser* já era antes, e o ente em sua vida se dirige para ele.

Conquanto a analogia envolva vários critérios relativos à distinção sexual, aos quais não nos estenderemos agora, queremos destacar aqui que, num contexto em que a matéria é o que pode suportar as mudanças no curso de uma entificação, a forma aponta para o estado final desta realização, essa é uma sutileza que está envolvida na relação matéria e forma e que a analogia vivifica. A matéria atua como causa da individuação porque, sendo indeterminada pode se configurar como isto ou como aquilo e, essa configuração se perfaz segundo o movimento que é instaurado nela pela forma. Mas como a forma instaura um movimento na matéria? O que significa isto?

Seguindo a indicação de Nussbaum, buscamos elucidar a relação forma e matéria nos situando no segundo nível do relato teleológico, o das realizações materiais contingentes dos estados funcionais. Tomamos como recurso metodológico o exame fenomenológico da performance de um bebê que conquista a sua capacidade autocomotora, aplicando no exame o conceito de *motor imóvel*³, o que consiste em: ao longo da análise relacionar cada

³ Aprendemos a aplicar o conceito de *motor imóvel* numa análise de movimento com o estudo do *De Motu Animalium*; neste tratado a abordagem dos fenômenos, já preparada em discussões prévias, elaboradas em outros trabalhos, aos quais Aristóteles não deixa de se remeter, é guiada à luz da concepção de que todo movimento se origina da imobilidade, ou seja, ele aponta para o *motor imóvel* na análise que faz do movimento dos animais vertebrados; a articulação é examinada como aquilo que responde pela imobilidade, a partir da qual o movimento se dá. Assim, dizemos que essa aplicação consiste remeter especificamente cada mudança que ocorre ao ponto de apoio do qual ela se origina, e de maneira geral fazer uma divisão entre partes não moventes e partes móveis.

mudança ao seu ponto de origem e, de uma maneira geral fazer uma distinção entre partes moventes e partes não moventes.

*

Desde a mais tenra idade, o movimento é o fenômeno que cria elos e forja todos os sistemas vitais humanos, por isso, um bebê, em si mesmo a semente do seu próprio acabamento, já anunciado, insiste e persiste em dobrar, estender e torcer o seu pequeno corpo. Mais adiante, já desenvolvida e bem encorpada, quando a pessoa adulta é vista andando, não se percebe mais que, todo o seu aparato locomotor é conformado segundo uma necessidade intrínseca ao ser do homem, e que ele se dá de certa maneira particularizada, porque goza de um conjunto que reúne um *o que* e um *a partir de que* relativamente invariante com relação aos outros homens também. Ou ainda, em sua maneira dinâmica de conformação, a forma individualizada em deslocamento no espaço, é matéria que pacientemente sofre o desdobramento contínuo da finalidade do modo de ser de um ente determinado, forjando seu caráter e seu corpo composto de variadas partes. Analisado da perspectiva do movimento local a propósito da forma, o ente alcança seu acabamento num contínuo dobrar, estender e torcer, o mesmo do bebê, conduzido por um saber imanente, um tipo de inteligência que constringe uma força originária numa vida individual diferenciada.

Por tal processo ser espontâneo, e não convocar a todo instante alguma reflexão ou avaliação sobre o seu desempenho, não nos apercebemos dele; ao mesmo tempo, quase que contrariamente, e sem reconhecer, ou até mesmo negligenciando a inteligência dos processos moventes, nos voltamos para a face extravagante e evidente de erupções vulcânicas ou explosões solares, ou nos esgueiramos diante de microscópios, tentando enxergar micro movimentos imperceptíveis a olho nu.

Sem dúvida, a auto locomoção é algo determinado, ou melhor, pré-determinado, mas, ao mesmo tempo é também algo que vem a se cumprir processualmente. Por exemplo, quando um bebê começa a rolar de um lado para outro no berço ele já está se colocando no horizonte em que esta capacidade desponta, e ela exige uma prática corporal que a carne, ou seja, ela tem que se tornar corpo, a sua

efetivação depende disto, de sangue, de pele, de osso, de músculo, de tendão, de ligamento, de tudo o que há de mais concreto. O rolamento em si já é uma saga, mas vamos pulá-la para alcançar mais brevemente o caminhar, expressão excelente da capacidade locomovente.

Então, rolando de um lado para o outro, sem cessar, certa vez o bebê finalmente se vira, colocando a barriga no berço e voltando as costas para o teto; mas essa pequena conquista precisa se consolidar, então ele a repete, repete e repete sem cansar. Quando isto não é mais nenhum mistério para ele, então, ele atingiu as condições mínimas, e também a posição para começar a suspender a cabeça, e isso é muito importante; a projeção do olhar para além do berço vai contribuir na mobilização do corpo como um todo repartido. A parte mais diretamente ligada com a cabeça são as costas através do pescoço. Num indivíduo maduro o levantamento da cabeça nesta posição, anatomicamente denominada decúbito ventral, pode ser realizado pela contração dos músculos das costas sem nenhum outro auxílio extra; mas o bebê ainda não tem força suficiente para isto, por isso ele precisa de outro expediente que o auxilie nesta conquista; o que ele tem são as mãos e o berço, pressionando as duas mãos contra a superfície do berço, ele faz os braços se estenderem empurrando consequentemente os ombros para cima e junto com eles, o pescoço e depois a cabeça.

É porque as partes envolvidas são contíguas que a força de arranque do movimento, a partir do apoio, repercute das mãos passando pelos braços, pelos ombros, pelo pescoço e enfim chegando a cabeça. Esta sucessão de ações, repetidas diversas vezes, tornam-se um hábito adquirido, porém totalmente pautado naquilo que já é, ou seja, naquilo que o bebê tem às mãos, ao seu alcance, como possibilidade já encarnada. Se já está encarnada é porque, dentre as inúmeras tentativas, muitas delas fracassadas, uma se deu bem, e isso foi o suficiente para o bebê encontrar novamente o mesmo caminho; repetindo seguidamente o percurso bem sucedido é que a nova conquista vira um hábito. Então, através do apoio das mãos, que resulta na extensão dos braços, e da levantada da cabeça, ele fortalece os braços e as costas.

Concomitante a este início, que envolve braços, ombros, coluna superior e cabeça, as perninhas já estão agitadas lá atrás, e ficam subindo e descendo seguidamente, ou seja, elas batem e voltam

do berço, batem e voltam do berço, mas, comparativamente a etapa anterior, este movimento das pernas não é exatamente igual aquele dos braços. Recapitemos: na etapa anterior, que resultou com o levantamento da cabeça, eram as extremidades dos membros superiores que estavam diretamente ligadas com o berço, a partir do qual, pelo apoio das palmas das mãos, a força de arranque do movimento repercutiu desde as extremidades e, passando pelo centro do corpo (costas/coluna) atingiu a cabeça.

No caso das pernas, o levantar e o descer não se devem ao apoio da extremidade, porque, pelo bebê estar decúbito ventral, ou seja, com a barriga voltada para baixo, não são as solas dos pés que estão apoiadas no berço e sim o dorso dos pés, e essa parte do corpo não se presta à mesma função que as mãos exerceram na etapa anterior. Qual é a solução? Não usar os pés como apoio e sim a outra parte contígua à perna, ou seja, as coxas. Então, apoiadas nas coxas que ficam fixas, as pernas descem e sobem do berço, e no descer e subir das pernas os joelhos se preparam para o que vem a seguir; abrindo-se e fechando-se eles ensaiam como suportar a bacia que vai ser projetada em breve para cima deles. É porque as coxas estão fixas e em contato com a superfície firme do colchão do berço, que as pernas se dobras e assim os pezinhos sobem e descem.

Assim, diferentemente da etapa anterior, nesta etapa, mais propriamente, o movimento vai do centro do corpo em direção às extremidades, ao contrário da primeira. A partir daqui, não é necessário mais dizer que cada etapa é repetida ao esgotamento, e que nisso acontece mais ainda a encarnação da potência locomotiva.

Numa dessas subidas e descidas das pernas, que na verdade é um bosquejo do que se configurará futuramente como extensão e flexão dos membros inferiores, os pés encostam no colchão do berço alinhando-se com os joelhos, e então as partes superior e inferior do corpo vão se aliar: os braços e as costas, a esta altura já suficientemente fortalecidos durante a primeira etapa, começam a empurrar o quadril para trás, na direção dos calcanhares, fazendo das pernas, mais precisamente, do segmento que vai dos pés até os joelhos, o ponto de apoio sobre o qual a bacia se projeta; ou seja, a parte que anteriormente fora movida pelo apoio das coxas, agora serve de apoio para elas se mexerem. Conjugando a flexão das pernas com a empurrada dos braços, o bebê fica num vai e vem, vai e vem, até que, numa das idas e vindas para trás e para frente ele para no meio do

caminho e consegue se equilibrar em quatro apoios, ou seja, nos dois braços e nas duas pernas.

O que vai se dar a partir de então é algo tão complexo que só se explica mesmo como um saber imanente: o bebê vai fazer um movimento conjugado e cruzado entre braços e pernas, isto significa que ele vai avançar um dos lados superiores pelo apoio de um dos braços e o lado contrário inferior pelo apoio da respectiva perna; feito isto, tendo a linha média do corpo como se fosse um espelho, a operação se reflete do outro lado; quando o bebê consegue avançar o braço direito e perna esquerda juntos, e logo em seguida o braço esquerdo e perna direita juntos, ou vice e versa, ele está engatinhando. Aí o berço já não lhe cabe mais, e tudo que cair na percepção da sua visão e lhe parecer atraente ele vai buscar alcançar, o que vai fazer com que ele libere as mãos para pegar seu objeto de desejo, e tenha somente as pernas em função do deslocamento.

O exame do processo pelo qual o bebê vem a caminhar mostra que, a capacidade locomotiva é aliada a outras capacidades também, e, chamamos a atenção para o papel fundamental da visão neste processo. Além da visão poderíamos citar outra, o tato. O que seria do bebê se lhe faltasse o tato quando ele se empurra contra o berço? É possível que ele viesse a andar sem o tato? Ou sem a visão? Sim, claro, pessoas privadas da visão caminham normalmente, provavelmente sem tato também se vem a caminhar, mas, isto requereria um auxílio extra, um estímulo externo provocado por outro; em si e por si, que é como naturalmente acontece, o bebê não seria capaz de se erguer. A pele atua neste processo como uma mensageira que informa ao corpo quais dentre suas partes estão em condições de servir como apoio; e o corpo responde pressionando contra a superfície fixa do berço a parte reconhecida pelo tato, e mais tarde o chão.

O caso de se dizer que a presentificação de uma capacidade deve ser uma de cada vez refere-se ao fato de não poder se estar autolocomovendo e parado ao mesmo tempo, isto sim seria uma contradição. E aqui não vale pensar nas viagens motorizadas, porque ser carregado por um carro, por um avião, por uma charrete, ou até mesmo pela barriga da mãe, não é a mesma coisa que andar por si próprio. Ser transportado é uma forma de locomoção, mas não é autolocomoção. Aliás, nenhum veículo é verdadeiramente *automóvel*, pois ele depende de uma causa eficiente que o faça mover. O ente

movente só está em pleno exercício desta sua capacidade quando ele se move a si mesmo; ser transportado é outra coisa, que resulta numa mudança de espaço, numa translação, mas, o caso tratado aqui, é o mais excelente e o mais perfeito de todos os modos de translação, aquele que serve de inspiração para todos os outros, por ser espontâneo, natural.

Nos termos da teoria de ato e potência, todo este processo poderia ser resumido na seguinte formulação: a potência como capacidade de diferenciação e transformação do ente só é propriamente uma potência se cumprir de modo adequado *uma* determinação no tempo, *uma* atualização. Porém, existe um detalhe desta dinâmica metafísica: a passagem da potência ao ato exige a ação de alguma coisa atual, mas qualquer ação já é atualização de uma potência, ou seja, já é ato, então, para se passar a ato tem que se já ser em ato, logo o ato é o fim para que tende a potência, e ao mesmo tempo também é o seu princípio. O livro *Lambda da Metafísica* também contribui para explicitar esta noção:

Há, no entanto, um impasse: de fato, reputa-se que tudo que está em atividade tem capacidade, mas nem tudo que tem capacidade está em atividade, de modo que a capacidade seria anterior. Ora, se isso for o caso, poderá não haver ente algum, pois é possível ter a capacidade de ser, mas ainda não ser. E, se for como dizem os teólogos que geram o todo a partir da noite, ou como os estudiosos da natureza que diziam que ‘todas as coisas estavam juntas’ – isso mesmo é impossível. De fato, como algo poderia mover-se e não houvesse uma causa em atividade? De fato, não é a matéria que propicia movimento para si mesma, mas é a arte da carpintaria que a move; tampouco os sangues menstruais (ou a terra) propiciam movimento para si mesmos, mas é a semente, isto é, o sêmen, que move. Por isso, alguns concebem que sempre há atividade, como Leucipo e Platão: afirmam que sempre há movimento. Mas não dizem qual movimento, nem porque, nem dizem a causa (se é de tal modo ou de outro). Ora, não há nada que se mova de qualquer maneira que calhar, mas, sempre, é preciso que algo esteja dado, como ocorre de fato: se for por natureza, de tal e tal modo; por violência, ou pela inteligência (ou outra coisa), de tal

e tal modo. Além disso, qual movimento seria primeiro? Isso faz imensa diferença. (Aristóteles, *Metafísica*, Livro Lambda 1071b 22-36)

A noção de ato como existir que sustenta, principia e domina a coisa em seu acontecer, explicita que o ente movente se percebe como pertencente à estrutura de acometimento do movimento já em plena vida, ou seja, o movimento antes de ser uma capacidade voluntária que permite a autolocomoção, é o processo pelo qual a vida se faz presente, e isto não tem nada de voluntário. Não se decide arbitrariamente viver ou não, uma vez vivo já se está se realizando como algo, mas o movimento primordial é o da vida que clama por se mostrar. É o estar no movimento da vida que sustenta a vigência de qualquer outro ato, e este mover específico mostra a realização do ente em sua forma. A questão da anterioridade temporal se explicita pelo fato que a possibilidade não é algo que paira no vazio aguardando uma oportunidade de se atualizar, ela só existe presentemente em algo que já é, ou seja, em um ente, e, estando vivo, já está em plena realização da força da vida.

Pelo escopo dinâmico das transformações do devir, o fenômeno do movimento atende ao desdobramento de uma força vital, mas destacamos também que, a reidentificação, ou atualização da forma explicitada pelo binômio ato e potência, não é alheia à natureza do ente; assim, a aquisição de novos hábitos, o aprendizado, o amadurecimento, enfim, todas as mudanças de estado e de caráter, tão marcantes e tão profundas quanto as mudanças de perfil e as de formato do corpo, são como duas faces da mesma moeda. Podemos até mesmo dizer que toda atualização de forma é um ganho de corpo, ou seja, de composto, no qual tanto a matéria se dá a ver diferentemente, quanto a forma se reidentifica. Então, a capacidade de ajustamento sempre constante do ente anda de mãos dadas com a propriedade geral da natureza de, através dos hábitos específicos de cada espécie, diversificar várias formas de vida. Embora passageiras, as mudanças se sucedem, mas algo subsiste enredado na sua cadeia, e soa contiguamente a elas.

*

Buscamos pelo exame do processo pelo qual o bebê vem a caminhar nos situar no segundo nível do relato teleológico e compreender como a relação forma e matéria engendra no ser humano uma das suas capacidades mais marcantes, o deslocamento no espaço e tudo que lhe concerne, como a formação e desenvolvimento dos membros.

Outras etapas entre o rolamento e o andar do bebê poderiam ser contempladas no exame, o que certamente elucidaria o primeiro modo de combinação das forças fundamentais, ainda não alcançado, mas que, intuitivamente, relacionamos à geração do peso, da densidade, da agilidade do bebê; contudo, o modo como as partes homogêneas (ossos, pele, carnes) e as heterogêneas também (mãos, pés, pernas, braços) vão se constituindo segundo as exigências da atualização da capacidade autolocomotora, exemplificam e lançam luz lá onde a matéria está prestes a adquirir a forma do movimento local, que por sua vez passa, não fica, o que fica alojado no bebê é a impressão da sua experiência, uma impressão que não é apenas uma lembrança, é uma marca viva que impregna a matéria.

Durante a conquista da capacidade locomotora todas as partes envolvidas são modificadas, os ossos crescem e ficam mais fortes, os músculos adquirem mais tônus, o sangue circula nas veias mais rápido e transporta mais oxigênio, o coração bombeia mais sangue, os pés empurram o chão com força e equilíbrio, as mãos se especializam em movimentos finos, a visão se desenvolve e explora todo o espaço à volta, enfim, tudo muda de um dia para o outro, e o bebê adquire mais características enquanto afirma sua identidade.

Com efeito, o exame mostra que a matéria, por ser indeterminada, pode se realizar de diversas maneiras, mas sustentar a forma exige também da parte da matéria certa contrariedade. A natureza relacional da matéria viabiliza que ela seja regulada conforme a necessidade do ser, o que invariavelmente está ligado a certa função; assim, no ser humano em geral, a matéria se determina como - ossos, músculos, pele, tendões, ligamentos, fluídos, órgãos. Essa variedade de partes é necessária, mas elas só garantem a vida desde que estejam todas relacionadas entre si em função de ente; ser parte é *ser com* e *ser si* ao mesmo tempo. Mas o *ser si* da parte não deve suplantar o *ser com*, devido a função que lhe cabe por *ser com*; é no cumprimento da sua função que a parte tem o seu *ser si*. E isto serve também para as potências do ser, elas também têm que ser em

conjunto, como foi visto no caso do bebê. Uma capacidade nunca está sozinha, ela está sempre aliada a outras.

Para finalizar retomamos a passagem da *Física* (192a 20-24) citada anteriormente, na qual Aristóteles se refere à natureza relacional entre a matéria e a forma e explica que ela é como a fêmea em relação ao macho, ou como o feio em relação à beleza. O estagirita não poderia ter sido mais feliz na sua analogia; quem poderia ilustrar com tanta sutileza uma nuance tão fundamental da força de realização do real que a fêmea ou a ansia por beleza? Afinal, é enquanto a matéria pode suportar e resistir às vicissitudes da vida com graça, que ela recebe a forma. Se ela fosse destituída deste tipo de força tão especial, nada existiria. Sem dúvida, Aristóteles era uma homem sábio.

Referências

ARISTÓTELES. *Física* I-II. Trad. Lucas Angioni. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. *As Partes dos Animais*. Trad. Maria de Fátima Souza e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

FARIA, Maria do Carmo. *O Ser como substância: Primeira Leitura da Metafísica*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1986.

LOUIS, Pierre. *Aristote – Marche des Animaux, Mouvement des Animaux*. Paris: Belles Lettres, 2002.

NUSSBAUM, Martha Craven. *Aristotle's – De Motu Animalium*. Princeton: University Press, 1985.

